

## **Os Leitores como Agentes da Circulação da Notícia nos Sistemas Midiáticos dos Jornais do Interior Gaúcho<sup>1</sup>**

Francieli Jordão FANTONI<sup>2</sup>

Viviane BORELLI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, UFSM

### **Resumo**

Com o processo de midiaticização, a convergência tecnológica e exigências do atual mercado profissional, as organizações jornalísticas precisaram passar por transformações discursivas e organizacionais em relação a sua rotina produtiva. Este cenário produz marcas de distintas estratégias por parte da produção e da recepção. Sendo assim, o artigo visa analisar as marcas discursivas deixadas pelos leitores quando comentam e compartilham notícias dos jornais gaúchos: Diário de Santa Maria e A Razão (Santa Maria), Pioneiro (Caxias do Sul), Gazeta do Sul (Santa Cruz do Sul), O Nacional (Passo Fundo) e Diário Popular (Pelotas). Opta-se por analisar a lógica da circulação através da teoria dos sistemas sociais (LUHMANN, 2010) e o discurso pela análise semiológica (VERÓN, 2005). Nota-se que há um leitor “passageiro” e que ele sinaliza suas próximas “estadias”.

### **Palavras-chave**

Midiaticização; estratégias discursivas; circulação; leitores; teoria dos sistemas.

### **Introdução:**

A midiaticização não é um processo recente, pois como esclarece Eliseo Verón (2012) o conceito representa a exteriorização de processos cognitivos que teria iniciado com a indústria da pedra e na revolução neolítica. Neste sentido, o termo não se traduz somente na apropriação da tecnologia pelos indivíduos, mas diz respeito a características particulares que implicam na materialização de processos cognitivos. Ou seja, é o sujeito que, ao se transformar em ator, transforma a cultura e o ambiente que o cerca, exercendo suas capacidades intelectuais individuais e coletivas.

De forma complementar, Henry Jenkins (2008) trabalha com o conceito de convergência, que seria essa mudança no cérebro dos consumidores, para além do aparato tecnológico. As interações, provenientes deste processo, produzem novas economias discursivas e fluxos midiáticos, que percorrem distintos sistemas sociais, isto ocorre graças

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup>Estudante de graduação do 7º semestre de Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestre em comunicação pelo POSCOM-UFSM. Bolsista FIPE/UFSM. Email: [frannjf@gmail.com](mailto:frannjf@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientadora do trabalho. Docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do projeto de pesquisa. Email: [borelliviviane@gmail.com](mailto:borelliviviane@gmail.com)

ao avanço das tecnologias, reconfigurando e ressignificando a sociabilidade através de novas formas de exercício da interatividade. Também ocorre em função de uma outra lógica que se instaura mais recentemente e que remete ao outro modo de ser no mundo, um ethos mediatizado (SODRÉ, 2002).

Com esta breve introdução, ressalta-se a atual ambiência no qual as empresas jornalísticas estão imersas e a necessidade adequar-se para a própria sobrevivência. Um dos progressos obtidos pelo desenvolvimento tecnológico foi o aumento da participação dos leitores (TRAVANCAS, 2011). As redes sociais são exemplo deste cenário. Se antes os leitores eram lembrados através da recepção, atualmente vão além da representação do estágio final do processo comunicativo, já que não só recebem a informação, mas optam por torná-la alvo de comentários, compartilhamentos com narrativas próprias, seja de modo a valorá-la ou incrementá-la, positivamente ou o seu inverso.

Assim, o artigo visa analisar a circulação da notícia pelo trabalho dos leitores. Para isso, opta-se por estudar os sistemas midiáticos dos jornais gaúchos, A Razão, Diário de Santa Maria, Pioneiro, Gazeta do Sul, O Nacional e Diário Popular, tendo como ponto de partida o Facebook. Observa-se o caminho que o leitor percorre pelas marcas discursivas deixadas nos comentários. Busca-se mapear a circulação a partir das interações entre leitores, sistemas e organização. Para a interpretação e análise dos dados utiliza-se a semiologia dos discursos sociais (VERÓN, 2005) que permite a análise do contexto em que esses discursos são ofertados e a teoria dos sistemas sociais (LUHMANN, 2010) de forma a mapear a circulação dos leitores e das notícias.

O artigo faz parte de questões mais amplas investigadas no projeto de pesquisa “Produção e circulação da notícia: as interações entre jornais e leitores”<sup>4</sup>. De forma mais abrangente, pesquisa-se como o processo de mediação afeta o fazer jornalístico de jornais de circulação regional no Rio Grande do Sul e como são organizados os contatos com seus leitores. Abaixo inicia-se a discussão acerca de conceitos importantes para esta investigação como de mediação, convergência e redes sociais.

### **1) Jornalismo Mediatizado: A Reconfiguração do Lugar do Leitor**

O jornalismo, enquanto prática social, busca no uso das tecnologias não só a divulgação de sua matéria prima, a notícia, mas formas atraentes de narrar o fato. A

---

<sup>4</sup>A pesquisa é realizada com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio da Chamada 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

tecnologia passa a ser um aliado na construção da notícia, para além do seu uso apenas como artefato, pois ela é, antes de tudo, vetor da midiaticização, como argumenta Demétrio de Azevedo Soster (2007). Esta ambiência é o que o autor nomeia como quinto jornalismo, ou jornalismo midiaticizado.

O jornalismo midiaticizado conceituado por Soster (2007) foi criado com base nas categorias propostas por Ciro Marcondes Filho (2000) que trabalha com quatro possíveis estágios do jornalismo, a partir de suas mudanças estruturais ao longo do tempo, Pré-história (1631-1789): prevalência do modo artesanal; Primeiro jornalismo (1789-1830): com início do período de profissionalização e surgimento da redação; Segundo jornalismo (1830+-1900): a imprensa de massa; Terceiro jornalismo (+-1900 a +- 1960): com influência do mercado publicitário e das relações públicas; e, por último, o Quarto jornalismo (+- 1970 até a atualidade): caracterizado pela era eletrônica e interativa.

Para Soster (2007) a atual fase do jornalismo ultrapassa o quarto jornalismo, que seria a intervenção da tecnologia na rotina de trabalho. O “quinto jornalismo” seria a “consolidação dos webjornais e dos blogs como novos suportes à atividade” (SOSTER, 2007, p.80). Assim, não se trata apenas do acesso aos meios de comunicação, pois há uma complexificação da profissão que provoca mudanças na forma como os jornalistas buscam fontes e dados, além do modo como as transformam em notícia. A Internet passa a ser um espaço de produção e não apenas um veiculador/divulgador de informações.

Neste sentido, destaca-se que as redes sociais são um exemplo de disseminação estratégica de informações, que permite não só a interação mais rápida entre jornalistas, fontes e leitores, mas se traduz em um sistema estratégico de busca pela participação do leitor e inclusão deste no fazer jornalístico. Além do Facebook, ressalta-se a importância dos portais de comunicação que ainda são utilizados pelas empresas como canal institucional por excelência. Contudo, observa-se atualmente a migração significativa para a ambiência das redes.

Isabel Travancas (2011) argumenta que o repórter precisa estar conectado e saber utilizar das ferramentas que dispõe, tanto pela necessidade de estar sempre atualizado como pela própria mudança no perfil do profissional. “É a geração que entrou nas redações já informatizadas quem melhor lida com os equipamentos, explorando bem suas vantagens, como ganho de tempo e rapidez de acesso às informações arquivadas” (TRAVANCAS, 2011, p. 24/25).

O jornalismo, assim, sofre os impactos desse processo de midiáticação, no qual jornalistas passam a ser atores da própria notícia ao mostrar a “realidade da construção” e não apenas a “construção da realidade” (FAUSTO NETO, 2006). Viviane Borelli (2012, p.153), também destaca que o jornalismo passa atualmente por: “[...] mudanças no processo de produção jornalística, de um novo modo de apresentação do produto e do desenvolvimento constante de estratégias de interação com os leitores, buscando a manutenção e ampliação do contato com os seus receptores”.

As salas de redação estão repletas de aparelhos tecnológicos, no qual celulares e Internet representam ferramentas indispensáveis para a prática da profissão na atualidade. Ivar John Erdal (2011) argumenta que hoje poucas organizações modernas publicam seus conteúdos em apenas uma plataforma, já que a convergência multimídia favorece a cooperação entre as mídias. “Alterar práticas profissionais relacionados com o desenvolvimento da convergência levanta uma série de questões importantes sobre a relação entre as estratégias organizacionais, novas tecnologias e o jornalismo diário”<sup>5</sup> (ERDAL, 2011, p.214) [tradução nossa].

Os jornalistas são caracterizados pela sua polivalência, ou seja, pela capacidade de adaptação e produção de conteúdo para todos estes sistemas midiáticos. Os leitores também modificaram seus modos de agir em função do marketing, mercado e convergência, fatos ambientados na sociedade em vias de midiáticação. Cada vez mais ativo e participante, os leitores ganharam um espaço privilegiado de manifestação com o incremento dos ambientes para interação, principalmente com a inserção das organizações jornalísticas nas redes sociais. Leitores de jornais mais comunitários, por exemplo, veem o surgimento de um espaço que aproxima o jornal da comunidade. Assim, as mudanças profissionais afetam não só o jornalista ou organização, mas os leitores e o produto ofertado.

A sociedade em vias de midiáticação é o palco dessas mudanças. De natureza sócio-técnico-simbólica-discursiva, a midiáticação é tão antiga quanto a humanidade, mas vive hoje um período distinto, no qual as tecnologias são atuantes. O conceito diz respeito a operações entre os sistemas tecnológico, simbólico, social e discursivo. Há uma nova sociabilidade atravessada pela tecnologia.

Antonio Fausto Neto (2006) comenta que a midiáticação da prática jornalística afeta a produção e o próprio conceito de acontecimento. Para Carlos Eduardo Franciscato (2007),

---

<sup>5</sup>Tradução nossa. Original: “Changing professional practices related to convergence developments raise a number of important questions about the relationship between organizational strategies, new technologies, and everyday news journalism” (ERDAL, 2011, p.214).

também produzem afetações na produção do conteúdo, realinhamento das relações entre jornalistas, empresas e público, além de alterações na estrutura das redações e das disposições de conteúdo com a digitalização.

A convergência é reflexo deste cenário propiciado pela apropriação de distintas ferramentas para a construção da narrativa jornalística. A convergência é um processo tecnológico, social e cultural, para além do determinismo no qual a técnica seria sua principal característica. Essa cultura da convergência se caracteriza pelo fluxo de conteúdos por múltiplos sistemas midiáticos, cooperação entre eles e “[...] comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam” (JENKINS, 2008, p. 27)

Observa-se também o aparecimento de uma cultura participativa, no qual indivíduos passam a atuar em conjunto formando uma inteligência coletiva, que ocorre dentro do cérebro dos consumidores (JENKINS, 2008). Esse comportamento é observado hoje nas redes sociais, com a participação dos leitores, que complementam a notícia e discutem entre si sobre o que foi inicialmente noticiado. O lugar do leitor é transformado: de receptor para coprodutor da notícia, ao propor “suas próprias notícias”. O seu lugar não é mais estático e delimitado por uma carta do leitor, pois se expande e circula numa lógica que lembra um viajante que deixa marcas de sua estadia e segue adiante.

Há também a emergência de um protagonismo mais evidente pelos jornalistas, ao fazer uso de distintos sistemas midiáticos para fazer circular a notícia ou aprofundar as pautas. A marca do jornal acompanha este processo e se difunde através da produção (jornalistas e organização) e recepção, quando leitores partilham as informações postadas na ambiência digital.

Dito isto, discute-se o conceito de circulação da notícia por meio do trabalho reflexivo dos leitores que criam “suas próprias notícias”, quando comentam e compartilham. Busca-se entender a circulação como um “terceiro polo” além da produção e recepção (FAUSTO NETO, 2010).

## **2) A Circulação da Notícia e seus “Fluxos Adiante”**

Na sociedade em vias de midiaticização, a circulação pode ser vista a partir de dois aspectos, segundo Fausto Neto (2013): como um elo ao produzir acoplamentos de práticas tecnodiscursivas e como estrutura que coloca em movimento essas práticas a partir do seu dinamismo, estabelecendo uma nova complexidade comunicacional.

A circulação é um potencializador da produção de sentidos, sendo delimitada por interfaces e não mais por fronteiras. Se na sociedade dos meios o termo era visto como meio de passagem naturalizada ou zona indeterminada, na sociedade em vias de mediação passa a ser uma instância de dinâmicas próprias, segundo Fausto Neto (2010).

Assim, a notícia passa a circular pelo trabalho da produção e recepção, em um processo não mais linear, mas circular, já que a trajetória da notícia age numa “zona de articulação” (FAUSTO NETO, 2010, p.6), em que atuam circuitos diversos. A circulação seria então “[...] um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos” (FAUSTO NETO, 2010, p.8).

José Luiz Braga (2012) lembra da existência de uma circulação em fluxo contínuo, que afeta internamente as empresas jornalísticas e seus movimentos, pois o discurso e sua trajetória provocam efeitos não controláveis pela organização. A mediação almejada pelas empresas, de controle sobre a recepção do dito, é uma tentativa de criar um “espaço da ação de resistência” (BRAGA, 2012, p.3). Entretanto, devido a processos midiáticos, seus fluxos e circuitos, a mediação perde força: “[...] processos sociais se mediatizam – no sentido de que tomam diretamente iniciativas mediatizadoras” (BRAGA, 2012, p.4).

A circulação dos discursos jornalísticos é expressada por diversas mídias de forma convergente e circular, iniciando pela apropriação de usuários. Há uma operacionalização dos polos de produção e recepção, que produz consequências distintas em cada campo de atuação. A linguagem também é afetada pela circulação, já que o sentido está limitado por um conjunto de relações. A complexidade da circulação provoca efeitos indeterminados: “[...] no intercâmbio discursivo, o sujeito não controla seu próprio discurso, bem como os efeitos que ele poderia ter sobre seu interlocutor” (FAUSTO NETO, 2013, p.45).

A circulação produz defasagens entre produção e recepção, pela diferença de interação entre ambos, causando descontinuidades: “[...] o intercâmbio assimétrico entre produção e recepção seria explicado não por uma defasagem provocada por uma ação unilateral da produção, mas sim pelo fato de que tal ‘desajuste’ seria um elemento estrutural do processo da comunicação” (FAUSTO NETO, 2013, p. 47). É a partir de acoplamentos estruturais que os âmbitos da produção e recepção se tornam portadores de lógicas e gramáticas discursivas geradores de produção de sentidos.

Há, assim, o surgimento de articulações, fluxos e “fluxos adiante” (BRAGA, 2000), nos próprios campos sociais e não pela mediação de um campo específico. Atualmente, os

campos se conectam por circuitos e não mais por lógicas e regras predeterminadas pelos limites dos campos, com fronteiras delimitadas.

Para entender como ocorre a circulação na ambiência midiaticizada e “seus fluxos adiante” (BRAGA, 2000), propomos uma aproximação com conceitos da teoria dos sistemas sociais. Niklas Luhmann (2010) fez uso da teoria, retirada inicialmente da biologia, para adaptá-la às ciências sociais. Sistemas, para o autor, são elementos em interação e ajudam a observar o objeto na sua totalidade, a partir da apreensão de suas partes para reduzir sua complexidade.

Esta investigação se preocupa em observar o sistema digital (Internet) e os acoplamentos estruturais entre ele, a sociedade (leitores) e o campo jornalístico (jornalistas e organização), analisando as “irritações” (LUHMANN, 2010) ou desequilíbrios que afetam o ambiente digital, suas funcionalidades interativas e circulação.

Três aspectos são ressaltados na nova tríade conceitual da teoria dos sistemas, a saber: 1) autopoiese, ou seja, a capacidade de autogerenciamento; 2) acoplamento estrutural, que é a necessidade de estabelecer conexões evitando a “entropia” e, por fim, 3) fechamento operativo, que é a possibilidade de abertura para circulação, já que toda abertura se baseia no fechamento. Estes três aspectos se realizam a partir de dois prismas: os sistemas sociais (o meio) e o psíquico (o ator social) (LUHMANN, 2010).

O acoplamento estrutural do campo jornalístico com o da Internet tem na comunicação suas operações básicas. Entende-se a comunicação como um ambiente mutável e autopoietico que se transforma criando subsistemas, tornando-se cada vez mais evoluído e complexo. Portanto, os sites de redes sociais, neste artigo são um subsistema, ou micro manifestações de um sistema comunicacional maior, em que a Internet seria uma macro manifestação.

Jairo Ferreira (2013, p. 140) também faz considerações sobre a circulação, conceituando-a como uma processualidade que ocorre de forma intra (nele, dentro dos sistemas midiáticos dos jornais), e intermediáticas (entre os sistemas, externo). A partir disto, também se pondera a interação a partir de processos endógenos ou exógenos (FERREIRA, 2013). O endógeno diz respeito às interações entre interlocutores, por meio de comentários, compartilhamentos ou curtidas, podendo estar em um mesmo circuito ou em intersecções com outros circuitos do dispositivo. Já a exógena, refere-se ao fluxo de um dispositivo para outros.



Assim, apresenta-se de forma sucinta os jornais que serão analisados neste artigo, de forma a identificar a priori as “as zonas de contato” que promovem a interação entre leitores, jornalistas e organizações. A escolha dos jornais deve-se a importância que possuem em suas regiões de atuação e diferentes épocas de criação, que favorecem o entendimento de como é ofertado o “contrato de leitura” (VERÓN, 2005). O contrato de leitura é firmado através de discursos que buscam a criação e o fortalecimento de vínculos: “É o contrato de leitura que cria o vínculo entre o suporte e seu leitor” (VERÓN, 2005, p.219). As informações abaixo foram retiradas nos sites oficiais dos jornais<sup>6</sup>.

O Grupo RBS (Rede Brasil Sul) possui dois jornais que circulam no interior do estado: o Diário de Santa Maria - na região central e Pioneiro – com circulação na região da serra gaúcha. O primeiro, criado em 2002, possui Portal, Facebook, Twitter, Instagram, blogs, Youtube e Whatsapp. Já Pioneiro possui Portal, Facebook, Twitter, Instagram e blogs e foi criado em 1948. O Diário Popular possui Portal, Facebook, Twitter, Whatsapp, Instagram, Youtube e Blogs. O jornal foi criado em 1938, por uma sociedade formada por quotas. A família Fetter é a proprietária do jornal que circula em Pelotas e região. A Gazeta do Sul tem dois Portais de Notícia, Facebook, Twitter, Instagram, Whatsapp e Youtube. O jornal foi criado pela iniciativa de empresários da cidade, em 1945 e circula no Vale do Rio do Pardo e Taquari. A Razão tem Portal, Facebook, Twitter e Youtube. O periódico foi criado em 1934 e pertenceu aos Diários e Emissoras Associados, mas nos anos 80 foi adquirido pela empresa jornalística De Grandi Ltda, atual proprietária. O Nacional possui Portal, Facebook, Twitter, Instagram e Youtube. O jornal pertence à MC-Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda de propriedade da família Múcio de Castro e foi fundado em 1925.

Nota-se, assim, que as organizações jornalísticas do interior do Rio Grande do Sul estão atentas às mudanças tecnológicas, com inclusão de novas mídias sociais, como é o caso do Whatsapp. Os jornais do Grupo RBS possuem mais integração entre as mídias, pois fazem uso constante do portal G1 de notícias<sup>7</sup>, da Globo, como forma a alimentar as redes regionais. Na sequência, mostramos como essas “zonas de contato” ofertadas pelos sistemas midiáticos das empresas promovem o contato com o leitor e como ele age neste espaço.

---

<sup>6</sup> As informações foram coletadas em Diário de Santa Maria. Disponível em: <http://www.diariosm.com.br>. Pioneiro. Disponível em: <http://www.pioneiro.com.br>. Gazeta do Sul. Disponível em: <http://www.gaz.com.br/gazetadosul/conteudo/99-institucional.html>. A Platéia. Disponível em: <HTTP://www.jornalplateia.com>. O Nacional. Disponível em: <http://www.onacional.com.br/empresa/ler/2>. A Razão. Disponível em: <http://www.arazao.com.br/sobre/>. Diário Popular. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/>. Acessos em 04 de junho de 2015.

<sup>7</sup> O site pode ser acessado pelo link: <http://g1.globo.com/index.html> Acesso em 04/07/2015.



### 3) O Leitor “Passageiro”: Uma Viagem Pelos Sistemas Midiáticos dos Jornais

Nesta parte, descrevemos as articulações entre linguagem e circulação, a partir da participação dos leitores nos sistemas midiáticos dos jornais. A análise consiste na seleção de enunciados coletados entre os meses de junho e julho de 2015<sup>8</sup> e que mostram estratégias discursivas utilizadas pelos leitores nos espaços para comentários nas mídias digitais. Também observamos como eles colocam enunciados para circular a partir da reapropriação de falas dos jornalistas e dos jornais. Abaixo (figura 1) ilustra-se os acoplamentos existentes entre jornalista/organização, sistemas e leitor:

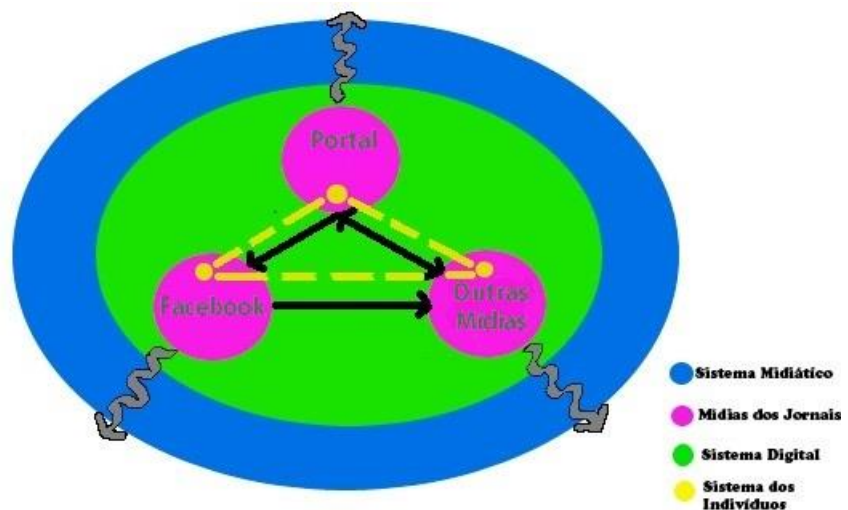


Figura 1: Esquema da Circulação entre Sistemas

Na imagem, é possível ver como ocorre o acoplamento entre os sistemas midiático, jornalístico, digital e dos indivíduos. A circulação é representada entre sistemas (intermediáticas, com interações exógenas, FERREIRA, 2013) é representada pela flecha preta e os indivíduos (intramediáticas, com interações endógenas, FERREIRA, 2013) é mostrada em cor amarelo. As flechas que saem dos sistemas representam os fluxos irreversíveis dos processos de circulação.

Os processos são iguais para todos os periódicos analisados. O Facebook é posto em evidência na imagem por representar a rede social mais utilizada. O leitor circula pelas mídias digitais propostas pelos jornais a partir dos chamados que instigam a participação. Observa-se que o Facebook leva para outros subsistemas digitais, mas estes levam para o

<sup>8</sup> Optamos por mostrar *prints* retirados da *fanpage* sem omitir as identidades dos envolvidos por compreender que ao se expressar numa rede social, está pressuposto que o comentário poderá ser acessado por outras pessoas e que está num ambiente “público”.

portal, caracterizando uma incompletude do processo de circulação. Abaixo, mostra-se diferentes processos de identificação da circulação, através dos comentários do leitor.

No Diário de Santa Maria (figura 2), observa-se como o leitor reage ao receber informações que não são locais. Um dos leitores se desloca até o canal do Youtube e de lá pega um link para expressar sua opinião sobre a matéria postada.



Figura 2: Circulação de deslocamento

Fonte: <https://www.facebook.com/diariodesantamaria/posts/962766167107838>

A matéria é compartilhada da agência AFP (Agence France-Presse) pelo Diário de Santa Maria (circulação intermediática com interação exógena). O leitor é direcionado para o portal, pelo Facebook. No portal não há comentários, o que pode representar que o leitor acessou o Facebook direto. Observamos interações no comentário do leitor, a partir de curtidas (interação endógena). O leitor passa pelo Facebook da empresa para comentar, deixa sua marca, sinalizando por onde esteve - portal do Youtube. Ele não compartilhou a matéria. Observa-se que a imagem é o discurso do rapaz, que se expressa por meio de um vídeo, ao invés do discurso verbal – discurso de deslocamento. O jornal não responde ao questionamento do leitor.

O Pioneiro (figura 3) também não costuma responder aos comentários dos leitores acerca de suas matérias. A discussão se dá entre leitores, que defendem seu ponto de vista. Abaixo mostra-se o caminho do leitor até o comentário. A matéria é de abordagem local, instigando os leitores a se acoplarem ao sistema midiático: “É no súper, na hora de ver a soma das compras, que a informação de que a inflação caxiense atingiu os dois dígitos faz mais sentido para o consumidor” (chamada).

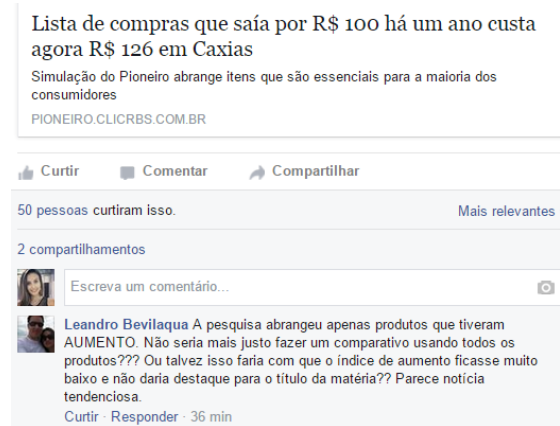


Figura 3: Circulação participativa  
 Fonte: <https://www.facebook.com/pioneiro/posts/10153502132303846>

Neste comentário do leitor (interação endógena, FERREIRA, 2013) observa-se que ele realmente se deslocou do Portal para o Facebook ou vice-versa, pois destaca que a matéria abordou apenas produtos que tiveram aumento, o que denota irritações (LUHMANN, 2010). O jornal/jornalista, não responde. Não há comentários no portal (circulação intramidiática, com interação exógena (Facebook – Portal). O discurso do leitor pode ser caracterizado como participativo, já que ele questiona o jornalista que escreveu a pauta, a partir do uso dos dados, do motivo da escolha por determinados produtos.

No jornal Gazeta do Sul elenca-se outra forma de observar os “fluxos adiante” (BRAGA, 2000), pois o leitor compartilha uma matéria do jornal (figura 4) e complementa as informações, o que denota a construção de um sujeito (VERÓN, 2005) capaz de enunciar a própria realidade para além da construída pelas mídias (LUHMANN, 2010).



Figura 4: Circulação engajada

Fonte: <https://www.facebook.com/gazetadosul/posts/926040720770980>

Há uma circulação intramidiática com interação exógena, pois se trata de mídias das empresas (Facebook – Portal). O comentário caracteriza-se por ser uma interação endógena, no qual há um maior engajamento do leitor, que leva para o seu perfil pessoal a discussão, gerando maior debate. O leitor também é participativo, pois lê a matéria pelo portal, mas decide ir além de apenas comentá-la no jornal. O compartilhamento gerou 13 curtidas e um comentário. O discurso do leitor pode ser considerado como de proposição/engajamento, já que compartilha e propõe soluções. O jornal não responde e não há comentários no portal.

No jornal A Razão observa-se uma outra forma de analisar os caminhos dos leitores e sistema (figura 5). O jornal publica a coluna de um dos seus comentaristas, que está agregado ao portal, mas em outra sessão (circulação intramidiática, com interação endógena). Não há comentários no portal e o jornal/jornalista também não responde.

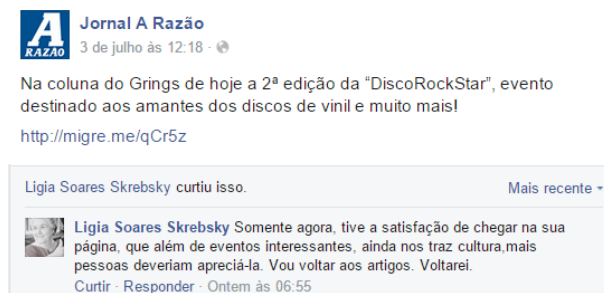


Figura 5: Circulação pertencente

Fonte: <https://www.facebook.com/jornalarazao/photos/a.515804651809281.1073741828.504246829631730/919519078104501/?type=1&theater>

Nesta imagem notamos um leitor (interação endógena) que mostra um sentimento de pertença ao espaço, pois comenta estar satisfeita com o publicado, além de sugerir aos demais leitores que acompanhem o columnista. Ela mostra que está acompanhando o blog e que ainda irá retornar. O discurso pode ser considerado como de pertencimento e que possui uma relação identitária.

O Nacional apresenta uma circulação intramidiática, com interação endógena (figura 6). O periódico usa bastante o Facebook como plataforma, sem utilização do portal nos links. Este caso é um exemplo de como a circulação é fechada no próprio portal. O leitor acessou a informação pela própria mídia digital e ajudou a complementar a informação com seu relato pessoal do acontecido (interação endógena). O jornal não responde.

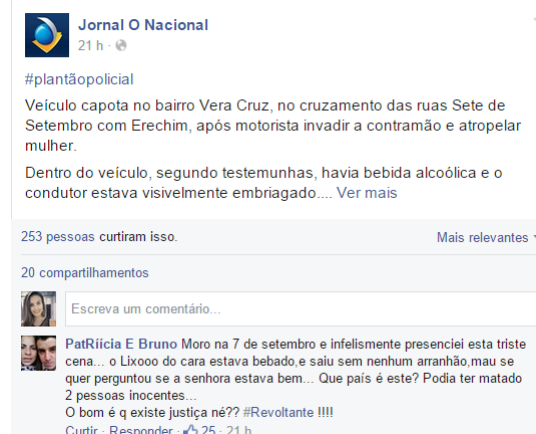


Figura 6: Circulação de relato

Fonte: <https://www.facebook.com/JornaIONacional/photos/a.516276478459038.1073741830.292747384145283/876648135755202/?type=1&theater>

No comentário do leitor há marcas que remetem a um discurso complementar. Novos dados são apresentados, a partir da experiência pessoal e relato personalizado do que ocorrera. O comentário foi curtido 25 vezes e não há referência a outras mídias da organização.

O último jornal analisado, segundo processos de circulação, é o Diário Popular (figura 7). A matéria seleciona para exemplificar como as notícias circulam faz um chamamento para compartilhar e remete a algo da ordem da experiência individual por meio dos pronomes “seu e sua”: “Sua vida nas páginas do Diário Popular. Compartilhe o que é daqui. Sua vida. Seu Jornal”. A matéria obteve 727 curtidas e 174 compartilhamentos.

Houve diversos comentários e um deles foi respondido pelo jornal, como se observa abaixo. A circulação é intermediática com circulação endógena (por utilizar a hospedagem do Facebook para divulgar o vídeo). O comentário é classificado como endógeno (FERREIRA, 2013).

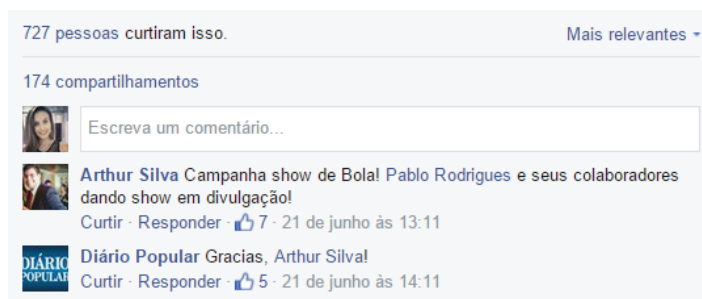


Figura 7: Circulação de retorno

Fonte: <https://www.facebook.com/diariopopularRS/videos/vb.127436830617627/1064062253621742/?type=2&theater>

O leitor conhece quem faz parte do jornal, processo comum em jornais de circulação mais comunitária. Ele agradece os colaboradores do vídeo pela divulgação da campanha e o

jornal retribui o agradecimento. Houve aí uma completude na circulação, pois na medida que o leitor comenta o jornal responde à participação do leitor. As marcas discursivas apontam para produção de sentidos de agradecimento.

### **Considerações Finais**

O leitor é um viajante que não permanece estático no sistema midiático. Ele acompanha o dinamismo dos processos de circulação e, por vezes, deixa marcas da sua presença e do seu trajeto. Identificar essas “estadias” se traduz em um desafio para as atuais pesquisas que tem na circulação seu foco. “A circulação desponta como um território que se transforma em lugar de embates de várias ordens, produzidos por campos e atores sociais” (FAUSTO NETO, 2013, p. 55).

O que se observa é que o campo da circulação se estabelece em certos espaços interativos ofertados pelos jornais. Alguns, como o Diário de Santa Maria e Diário Popular fazem uso de mais estratégias discursivas para chamar a participação dos leitores e proporcionam maior circulação dos conteúdos por meio de seu sistema midiático, o que se traduz numa maior interação. Já O Nacional utiliza o Facebook com menos referências ao portal e outras mídias da organização. A Gazeta do Sul é o jornal em que há menos interações nas redes, pois apesar de estarem nas redes fazem poucas postagens e, no período observado, não houve chamadas para participação dos leitores. O Pioneiro e A Razão também apresentaram pouca interação, já que não chamaram leitores para participar de suas postagens no período observado.

Neste sentido, a pesquisa mostrou como ocorre a circulação de conteúdos entre os sistemas midiáticos a partir da observação de seis jornais gaúchos. A circulação é um processo que se estende a todos os jornais, indistintamente. Como esclarece Fausto Neto (2013), os jornalistas/organização utilizam da linguagem como matéria prima para fazer do transitar seus produtos na circulação.

A investigação tratou de mostrar como o leitor faz circular as matérias postadas pelos jornais no Facebook, em que identificamos diferentes estratégias discursivas que remetem a uma circulação de deslocamento, participativa, engajada, pertencente, de relato e de retorno. Também apontamos pistas de como o jornalismo busca trazer para dentro de seu fazer produtivo aquilo que circula e que é da ordem do outro, do pólo da recepção, e que pode ser transformada em material pela produção.



A análise aponta para uma processualidade vivida atualmente pelos jornais no que se refere à utilização estratégica das redes sociais digitais, especialmente o Facebook, para instituir e propor contratos de leitura com seus leitores que estão dispersos no ambiente digital. Entretanto, notamos que os jornais proporcionam distintas formas de circulação dos conteúdos que propõem, mas em alguns momentos a circulação não segue fluxos para outros lugares porque o jornal silencia.

### Referências bibliográficas:

- BORELLI, V. O processo de midiatização do jornalismo: desafios e perspectivas da prática laboratorial. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. Et al. (orgs.). **Estratégias Midiáticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2012.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: livro **COMPÓS**, mediações e midiatização, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Interatividade & recepção**. Artigo apresentado no GT Mídia e Recepção, no IXº Encontro Nacional da Compós, na PUC/RS, Porto Alegre, maio/junho de 2000.
- ERDAL, I. J. **Coming to Terms with Convergence Journalism**: Cross-Media as a Theoretical and Analytical Concept. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*. 17(2), 2011. pp. 213–223.
- FAUSTO NETO, A. A circulação além das bordas. In: *Mediatización, Sociedad y Sentido – Diálogos entre Brasil y Argentina*. Rosário: UNR, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Mutações nos discursos jornalísticos: “da construção da realidade” a “realidade da construção”**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf> Acesso em 01/07/2015.
- \_\_\_\_\_. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: GOMES, P. G.; BRAGA, J. L.; FERREIRA, J., FAUSTO NETO, A. (Orgs.) **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.
- FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?. In: BRAGA, J. L.; et. al. **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1ed. São Leopoldo: Unisinos, 2013, v. I, p. 140-155.
- FRANCISCATO, C. E. A temporalidade das práticas enunciativas nas novas formas do jornalismo online. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana. (orgs.) **Metamorfoses Jornalísticas: formas, processos e sistemas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- LUHMANN, N. **Introdução à teoria dos sistemas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo**. A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- SODRÉ, Muniz. **O ethos midiatizado**. In: *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOSTER, D. Jornalismo midiatizado: a mídia na frente do espelho. In: FELIPPI, A; SOSTER, D; PICCININ, F. (orgs.) **Metamorfoses Jornalísticas: formas, processos e sistemas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.
- TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. 4º ed. São Paulo: Summus, 2011.
- VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- \_\_\_\_\_. Midiatização, novos regimes de significação, novas práticas analíticas? In: **Mídia, Discurso e Sentido**. FERREIRA, M. F.; SAMPAIO, A. O.; FAUSTO NETO, A. (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2012.